

# Restolho

## A Academia e o Convento

Não sabia se havia de parar, se tinha o dever de continuar. Chegado a esse ponto, via a consciência do Outro ao meu lado, nesta caminhada, desafiando-me. Não era possível viver sem sexo, fosse do que forma fosse. Podia ter ficado em França, seria bem mais prestigioso e exibicionista. Em Espanha, mais difícil e mais compensador, a todos os níveis. Mas optei por ficar, e era feliz, tal como a Rainha da Dinamarca, que teria dito que quando estava feliz falava português...

Dentro de dois dias, iria de novo ao hospital, talvez estivéssemos todos fingindo estar doentes, só para permanecer deste lado, como medo de partir para outra vida e isto que vivíamos por aqui dava-nos a quase certeza, melhor, a esperança, de que haveria uma vida do outro lado, depois desta... cada um acredita do que pode, no que deve, uns no Mal outros no Bem...e já não ia à Missa, de certo modo estava zangado com a religião, mas não fazia contagiar essa zanga a mais ninguém, continuava na minha demanda infinita...

Decidi sair de mim, ver a perspectiva do Outro e descobri que há ano que fazia isso, andava de um lado para o Outro, entre o sujeito e objeto, entre o Eu e Mim Mesmo, entre o Outro e o Alter, afinal era essa a dança da vida, tinha feito isso toda a vida e, de certo modo, esta andança havia dado frutos, entre o convento e academia, a academia entre convento...

Nunca mais me esqueci de um livro de Jonas Leclerc, "Sabedoria de um Pobre", sobre a vida de Francisco de Assis e uma certa forma de felicidade que há no convento, mesmo em termos políticos, como desenha Zizek ou Sloterdijk, ou seja, trata-se de um abandono do mundo e das relações, para criar relações perfeitas. Sim, os cientistas sociais andam distraídos desde a fundação das ciências sociais, sim, desde Durkheim e Max Weber, a perfeição das relações, o ideal tipo, está no convento, em última análise e na Igreja, ou seja, na Missa, à partida. Aí é que as relações são perfeitas...

A Academia também esboça um cenário de relações esboroadas, desesperadas, sôfregas, porque aí temos contato com o poder intelectualidade a sociedade, já Pierre Bourdieu falava nisso e Le Breton, autor de “Homo Saber”, para além de Girard e Duvignaud...

Entre um e outro registo anda um homem, debate-se, por aqui, enquanto muitos são os que vão para as Arábias...

**Victor Mota**